O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NAS PESQUISAS EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

THE PHENOMENOLOGICAL METHOD IN PALLIATIVE CARE RESEARCH: A SCOPING REVIEW

EL MÉTODO FENOMENOLÓGICO EN LA INVESTIGACIÓN SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS: UNA REVISIÓN DE ESCOPO

*Henrique Shody Hono Batista**

*Joanneliese de Lucas Freitas***

RESUMO

Os Cuidados Paliativos (CP) caracterizam-se como uma oferta de cuidados multiprofissionais, holísticos e ativos, que buscam oferecer qualidade de vida a pacientes e familiares que enfrentam doenças graves e ameaçadoras da vida. Pesquisas científicas são centrais para a superação dos desafios enfrentados na prática. A metodologia fenomenológica vem despontando como ferramenta relevante nas pesquisas em saúde por evidenciar a experiência dos pacientes às equipes. O objetivo deste trabalho foi identificar e discutir estudos fenomenológicos no campo dos CP. Para tanto, realizou-se uma revisão de escopo, sendo identificados 16 artigos entre 2011 e 2021. Os resultados evidenciam uma pluralidade de modos de compreensão e condução dos estudos fenomenológicos em CP, embora seu objeto seja sempre caracterizado pela experiência vivida. Conclui-se que tais pesquisas contribuem para uma prática de cuidado que fortalece a humanização em saúde e se compromete com as necessidades de todos os envolvidos: pacientes, familiares e profissionais.

Palavras-chave: cuidados paliativos; fenomenologia; existencialismo; metodologia.

ABSTRACT

Palliative Care (PC) offers multi-professional, holistic, and active care, which grants quality of life to patients and their families when facing serious and life-threatening illnesses. Scientific research is central to overcoming the challenges confronted in practice. Phenomenological methodology has emerged as a relevant tool in healthcare research

*Psicólogo da Fundação Estatal de Atenção à Saúde de Curitiba (FEAS). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: henrique.shody@gmail.com

**Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR. E-mail: joanne@ufpr.br

because it highlights the patients' experience to health teams. This study aimed to identify and discuss phenomenological studies in PC. To this end, a scoping review was performed, and 16 articles were identified between 2011 and 2021. The results show varied ways of understanding and conducting phenomenological studies in PC, although their object was always characterized by lived experience. The conclusion is that such researches contribute to a practice of care that strengthens humanization and is committed to the needs of all those involved: patients, families, and professionals.

Keywords: palliative care; phenomenology; existentialism; methodology.

RESUMEN

Los cuidados paliativos (CP) se caracterizan por la prestación de una atención multiprofesional, holística y activa que busca ofrecer calidad de vida a los pacientes y las familias que enfrentan a enfermedades graves y potencialmente mortales. La investigación científica es fundamental para superar los desafíos de la práctica. La metodología fenomenológica ha surgido como herramienta relevante en la investigación en salud por evidenciar la experiencia de los pacientes a los equipos. El objetivo de este estudio fue identificar y discutir estudios fenomenológicos en los CP. Para esto, se realizó una revisión de escopo, identificando 16 artículos entre 2011 y 2021. Los resultados muestran una pluralidad de comprensiones y formas de conducir estudios fenomenológicos en los CP, aunque su objeto sea siempre la vivencia. Se concluye que dichas investigaciones contribuyen hacia una práctica que fortalece la humanización y se compromete con las necesidades de todos los implicados: pacientes, familiares y profesionales.

Palabras clave: cuidados paliativos; fenomenología; existencialismo; metodología.

INTRODUÇÃO

Com o advento das condições crônicas de saúde e o aumento da longevidade da população humana, evidenciou-se a necessidade de aprimoramento dos cuidados voltados a pessoas cuja doença esteja fora de possibilidades de cura. Como resposta a essa necessidade,

os Cuidados Paliativos (CP) buscam promover uma oferta de cuidados ativos, totais e humanizados, com foco na melhoria da qualidade de vida de pacientes que enfrentam doenças graves e ameaçadoras da vida, bem como de seus familiares e cuidadores nas diferentes fases de progressão da doença - inclusive após a morte, por meio da assistência aos enlutados (Radbruch et al., 2020). A definição atual de CP, revista e ampliada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2019, afirma que esses cuidados podem ser ofertados em todas as etapas do desenvolvimento humano, explicitando suas possibilidades nas populações neonatais e pediátricas (Radbruch et al., 2020). Para tanto, é necessária a presença de uma equipe multiprofissional que atue de modo interdisciplinar - quiçá transdisciplinar -, uma vez que cuidar ativamente do sofrimento envolve, necessariamente, considerar as várias dimensões da existência humana: biológica, psicológica, social, econômica e espiritual.

Historicamente, a filosofia dos CP nasce com os *hospices* – abrigos destinados aos cuidados de peregrinos e viajantes. De acordo com Pessini (2011), a origem dos *hospices* remonta ao século IV da Roma cristã, na figura de Fabíola, matrona romana que praticava o acolhimento e o cuidado de estrangeiros, enfermos e necessitados. Ao longo do século XVII, surgiram na Europa várias instituições de caridade com práticas que se propagaram por meio de organizações religiosas católicas e protestantes e que passaram a ter características de hospitais no século XIX (Matsumoto, 2012).

Com a abertura do St. Christopher's Hospice, em 1967, os CP ganharam a qualidade de abordagem especializada a partir dos estudos de Dame Cicely Saunders (Mccoughlan, 2011). Entre 1958 e 1965, Saunders realizou um estudo sistemático com 1.100 pacientes com câncer avançado, mostrando o alívio efetivo da dor quando eles eram submetidos à administração regular de analgésicos, em vez de somente quando necessário (Matsumoto, 2012). Além do controle efetivo da dor, Saunders também formulou um novo conceito de cuidado, centrado nos pacientes e familiares, em suas dimensões psicológicas, sociais e espirituais (Melo & Caponero, 2009).

No cenário brasileiro, os CP têm seu início na década de 1980, ganhando maior expressividade a partir dos anos 2000 (Matsumoto, 2012). Esse avanço se evidenciou não apenas por meio da criação de novos serviços ou pela consolidação dos antigos, mas também pelo surgimento de associações, pela realização de congressos e pela criação de políticas públicas em saúde. Em 2005, é criada a Associação Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), reconhecida como importante instituição norteadora

para o exercício e a reunião dos profissionais paliativistas brasileiros. Em 2018, o Ministério da Saúde publicou a Resolução nº 41, de 31 de outubro, que trata da normatização dos CP como parte do Sistema Único de Saúde (SUS), na qual são definidos os princípios para a organização de serviços e práticas em CP nos diferentes níveis de atenção à saúde. A essa, seguiram-se iniciativas regionais, consolidando-se paulatinamente os CP em território nacional, tais como, a Lei nº 20.091, de 19 de dezembro de 2019, da Assembleia Legislativa do Paraná, que assegura o direito de pacientes dos sistemas de saúde público e privado do estado a receber CP.

Para além dos avanços no campo legislativo, das normas e das diretrizes, é necessário um olhar sobre a formação acadêmica e profissional na área. A literatura identifica a escassez de disciplinas que abordam a temática nas formações em saúde (Costa et al., 2016) e denuncia que, ainda hoje, existem formações médicas e multiprofissionais que desconsideram a morte como experiência intrínseca à vida, tratando-a geralmente como um fracasso da ação profissional (Kovács, 2014; Melo et al., 2022). Como consequência, deparamo-nos com profissionais de saúde que não se sentem preparados para lidar com pacientes diante da morte, que vivem crises de valores pessoais e frustração (Perboni et al., 2019). Tal despreparo se reflete em fragilidades no cuidado dedicado a pacientes e familiares, que, ao estarem envolvidos na assistência paliativa, devem ter suas necessidades atendidas de modo ativo e holístico.

Frente a essa problemática, a produção de conhecimentos em CP é um dos fundamentos para a melhoria da formação e o aperfeiçoamento dos cuidados prestados pelas equipes multiprofissionais, de modo que sua produção deve ser incentivada e fomentada nas diferentes regiões do território nacional (Nickel et al., 2016). Assim, o ensino e a pesquisa são de vital importância para o desenvolvimento dessa área, e, entre as possibilidades de produção de conhecimento, os estudos fenomenológicos têm despontado como método e recurso de interpretação de dados nas ciências humanas e da saúde (Caixeta et al., 2021; Gomes & Sousa, 2017; Pereira et al., 2022; Silva & Oliveira, 2018), sendo também passível de utilização nos estudos e pesquisas em CP.

A origem dessa perspectiva epistemológica remonta ao século XIX, na figura do filósofo Edmund Husserl, que almejava uma nova fundamentação científica para o conhecimento não mais pautada na dicotomia sujeito-objeto e seus consequentes dualismos entre subjetividade-objetividade. Para tanto, o filósofo elege como objeto da fenomenologia a vivência original de um mundo que se mostra a alguém, constituindo-se como um

fenômeno que, ao mesmo tempo, é objetivo e subjetivo. Ao eleger a vivência original como caminho privilegiado para a construção do conhecimento, o método fenomenológico enfatiza o voltar às coisas mesmas, ou seja, a necessidade de suspensão dos pré-conceitos, das ideias pré-concebidas e das teorizações já postuladas sobre o objeto a ser estudado, demarcando a passagem da atitude natural em direção a uma atitude fenomenológica (Goto et al., 2018), para que o próprio fenômeno possa mostrar-se.

Segundo Husserl (1913/2006), o mostrar-se do fenômeno não se limita à sua manifestação empírica e real: trata-se de objeto imanente à consciência em seu caráter transcendental. Isso significa que, na perspectiva do filósofo, o fenômeno não é apenas uma ocorrência factual e observável, limitado aos sentidos e significados de uma experiência particular; é, sobretudo, uma manifestação eidética, na medida em que revela as essências universais da relação entre os fenômenos e a consciência, constituindo-se como vivência. Nota-se que Husserl especifica que vivência ou experiência vivida (*Erlebnis*) no sentido fenomenológico "é o 'dar-se conta' daquilo que se vive" (Goto, 2022, p. 384), ao passo que os atos constitutivos da consciência, tais como recordar, imaginar ou pensar, constituem a experiência (*Erfahrung*), que diz respeito simplesmente a um contato que temos com as coisas. Apesar de vivência ser indicado por Belo (2006) como a melhor tradução para *Erlebnis*, por captar a essência do pensamento husserliano, nota-se que muitas traduções brasileiras se utilizam do termo "experiência" indiscriminadamente, ou mesmo "experiência vivida", levando a confusões teóricas, como apontado por Goto (2022).

Historicamente, essa é uma abordagem que teve desdobramentos relevantes dentro e fora do campo fenomenológico a partir de trabalhos de autores como Merleau-Ponty e Heidegger, assim como influenciou inúmeros outros filósofos, especialmente aqueles reconhecidos como existenciais, mas que são considerados filiados à mesma matriz fenomenológica, seja por influências epistemológicas, seja por influências metodológicas do trabalho de Husserl. De fato, é difícil encontrar um único termo que exprima toda a diversidade do campo, entretanto variações que incluem os termos "fenomenologia" e "existencialismo" têm sido usadas, não sem querelas sobre seu rigor e propriedade em seus usos e aplicações (Ewald, 2008; Feijoo & Goto, 2017). No presente trabalho, entende-se que estudos fenomenológicos são os que permitem fazer ver os fenômenos a partir de sua própria fenomenalidade, ao articular o método fenomenológico de acesso a vivências nos campos teóricos e empíricos dos CP, em seus desdobramentos hermenêuticos (a fenomenologia-hermenêutica),

existenciais (a fenomenologia-existencial ou somente, existencialismo) e sociológicos.

No campo da saúde, ao se aproximar das experiências vividas tal como ocorrem no mundo dos participantes da pesquisa, a pesquisa fenomenológica tem a vantagem de "facilitar a compreensão dos usuários do sistema [de saúde] pelos profissionais. A partir de uma base fenomenológica, eles podem ampliar sua percepção sobre diferentes experiências, identificar como elas são vivenciadas e melhor lidar no cotidiano com esses sujeitos" (Silva & Oliveira, 2018, p. 1422). Outro aspecto relevante sobre o fazer ver - e fazer ser ouvido - no contexto da atenção em saúde é o fato de que nem sempre o que os pacientes dizem é valorizado pela equipe de saúde, o que também é conhecido como injustiça epistêmica, ato que privilegia o discurso médico e desvaloriza o relato do paciente como relevante ou adequado (Carel & Kidd, 2014). Nesse sentido, segundo Carel e Kidd (2014), a fenomenologia "pode abordar a injustiça do testemunho, ajudando os doentes a articular a sua experiência de doença e ajudando os profissionais de saúde a compreendê-la" (p. 530).

Os trabalhos de Silva e Oliveira (2018) e Caixeta et al. (2021) já apontaram, anteriormente, para a relevância e as nuances das relações entre o método fenomenológico e a área da saúde, porém pesquisas brasileiras que buscam traçar o estado da arte e as possibilidades de relação entre a fenomenologia como um método de pesquisa aplicado especificamente aos CP não foram identificadas até o momento. Sendo assim, neste artigo, é realizada uma revisão de escopo sobre estudos fenomenológicos na área, tendo esta principal pergunta: quais as contribuições dos estudos fenomenológicos como método de pesquisa nos CP? Como objetivo geral, pretendemos identificar as contribuições dos estudos metodologicamente situados na fenomenologia em CP e, como objetivo específico, identificar estudos e discutir as possibilidades de articulação do método fenomenológico em suas derivações existenciais, hermenêuticas e sociológicas no campo da pesquisa em CP. Espera-se, com isso, contribuir para a produção de conhecimento na área, bem como fomentar a possibilidade de novos olhares, métodos e modos de ação na pesquisa científica.

MÉTODO

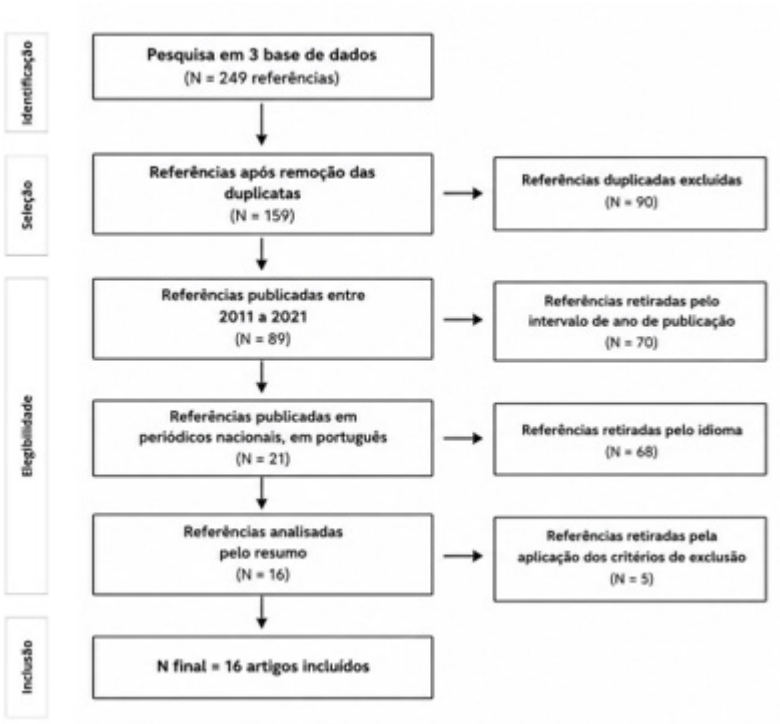
A revisão de escopo consiste em um método de análise da literatura que tem como um de seus objetivos examinar como têm sido conduzidas pesquisas em determinado tópico ou área, identificando

suas características-chave e lacunas teóricas (Munn et al., 2018). As etapas metodológicas utilizadas para o desenvolvimento deste estudo estão fundamentadas nas cinco fases descritas por Arksey e O'Malley (2007), a saber: "Fase 1: identificação da questão de investigação, Fase 2: identificação dos estudos relevantes, Fase 3: seleção dos estudos, Fase 4: elaboração dos dados e Fase 5: compilação, resumo e comunicação dos resultados" (p. 22).

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados na segunda década dos anos 2000 (2011-2021), que tivessem livre acesso para consulta e leitura e publicados em português em periódicos nacionais. Os critérios de exclusão foram: artigos que não continham menção explícita ao método fenomenológico e suas derivações existenciais ou hermenêuticas no resumo, artigos de revisões sistemáticas, integrativas ou narrativas de literatura e artigos que, embora façam referência a conceitos fenomenológico-existenciais no resumo, não os apresentam como sustentação metodológica.

A coleta dos dados ocorreu em 17 de setembro de 2023. As bases consultadas foram: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval Sistem Online (MEDLINE) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Para a busca dos artigos, foi empregada a combinação dos descritores "Cuidados Paliativos" e "Existencialismo", que resultou em um achado inicial de 150 artigos. Foi realizada uma segunda busca combinando o descritor "Cuidados Paliativos" com as palavras-chave "Fenomenologia", "Fenomenologia-Existencial", "Fenomenologia Existencial" e "Fenomenologia-Hermenêutica", resultando em mais 99 artigos para leitura. No total, foram identificados 249 artigos. Após a verificação dos artigos duplicados, foram retirados um total de 90, restando 159 referências elegíveis para análise. Assim, as referências foram submetidas a uma primeira análise, considerando-se os critérios de inclusão e exclusão, chegando ao resultado de 16 artigos incluídos, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - *Fluxo do Processo de Revisão*



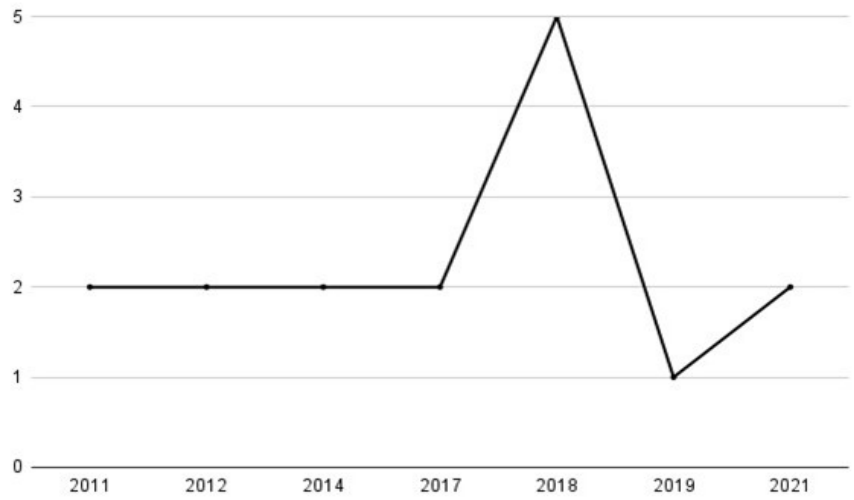
RESULTADOS

A partir da análise dos artigos, foram elencadas sete categorias para a apresentação dos resultados: 1) Ano de publicação; 2) Áreas com estudos fenomenológicos em CP; 3) Fenômenos estudados; 4) População-alvo; 5) Principais autores de referência; 6) Delineamentos metodológicos; e 7) Métodos de análise.

Ano de publicação

A publicação de artigos sobre CP que utilizam a metodologia fenomenológica não apresenta variações significativas ao longo dos anos, com exceção de 2018, quando houve um pico de artigos publicados - n=5 artigos (31,3%). Esse é um período que coincide com a publicação da Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018, do MS, que trata da normatização dos CP. Entretanto, diante do tempo para a publicação de um artigo em revistas brasileiras desde a sua submissão, dificilmente esse pico se relaciona a esse fato, não havendo nenhum evento, a priori, que pareça explicar a excepcionalidade de tal aumento.

Figura 2 - *Distribuição de Publicações por Ano*



Áreas com estudos fenomenológicos em Cuidados Paliativos

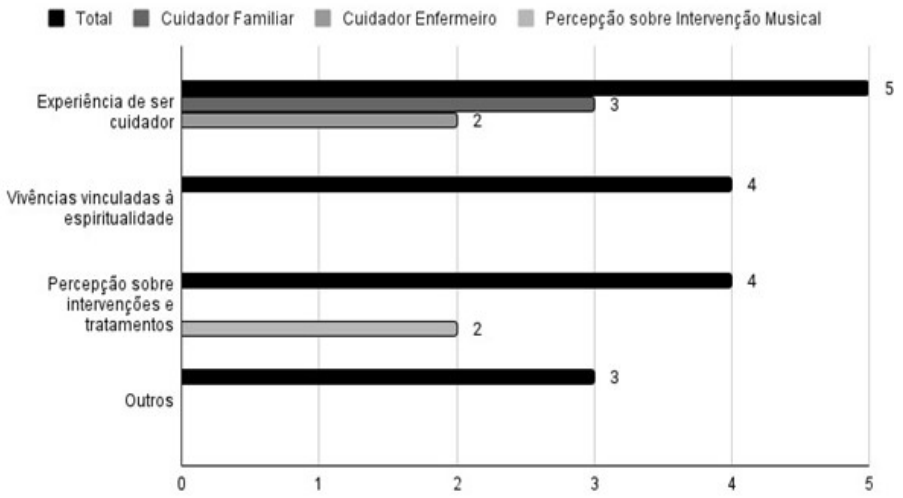
Em relação às áreas profissionais, observou-se um predomínio significativo de publicações realizadas pela enfermagem, com 87,5% (n=14) dos artigos, confirmando-se a tendência observada no estudo de Silva e Oliveira (2018) sobre o uso do método fenomenológico nas pesquisas sobre saúde no Brasil, cujos 76% dos achados também estão no campo da enfermagem. Além da enfermagem, as áreas de psicologia e de medicina publicaram estudos sobre CP utilizando a metodologia fenomenológica, mas com pouca expressividade em termos quantitativos, com apenas um estudo cada.

Fenômenos estudados

Não houve diferença significativa de frequência entre os três fenômenos mais estudados (experiência de ser cuidador, vivências vinculadas à espiritualidade e percepção sobre tratamentos). Destaca-se que, por não haver nos trabalhos uma preocupação em diferenciar os termos "vivência", "experiência vivida" (*Erlebnis*) e "experiência" (*Erfahrung*), aqui tratamos os termos como equivalentes, para fins de agrupamento. O mais investigado foi a experiência de ser cuidador de um paciente em CP, com n=5 estudos (31,3%), sendo três deles (18,8%) com cuidadores familiares e dois (12,5%) com cuidadores profissionais de enfermagem. Estudos voltados à investigação de vivências vinculadas à dimensão da espiritualidade (n=4) e

à percepção sobre intervenções e tratamentos em CP (n=4) representaram, cada um, 25% da amostra. Nos estudos voltados à percepção sobre intervenções e tratamentos em CP, dois deles se dedicaram às percepções sobre intervenções musicais em CP (12,5%), sendo um deles dedicado às percepções sobre intervenções em luto no contexto hospitalar e o outro à percepção dos profissionais de enfermagem sobre o tratamento paliativo em oncologia. Por fim, na categoria Outros, foram incluídos três estudos (18,8%) sobre fenômenos diversos, a saber: um sobre perspectiva e desejos de estudantes e profissionais de saúde diante da morte, um sobre os significados da assistência em CP por profissionais da atenção primária em saúde e o último sobre a vivência de ser paciente com doença renal crônica.

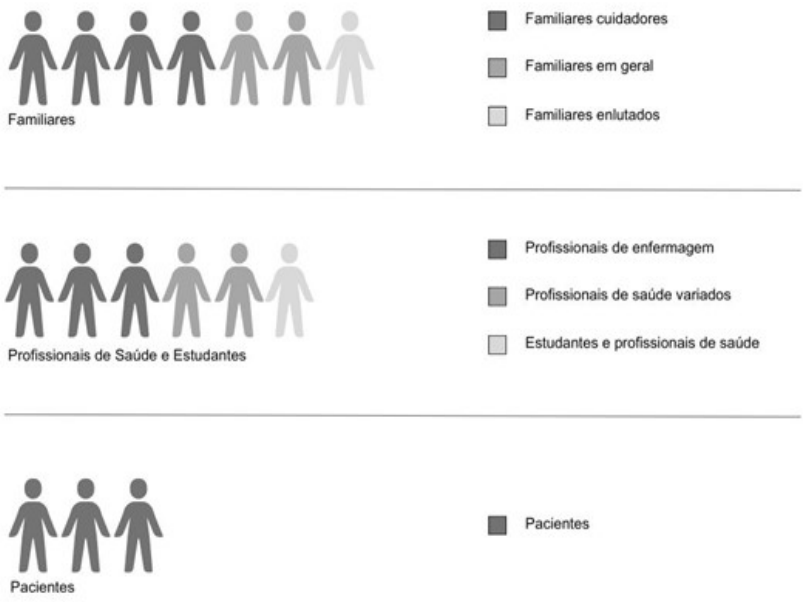
Figura 3 - *Fenômenos* Estudados



População-alvo

Em relação à população-alvo das pesquisas, conforme Figura 4, nota-se um predomínio de estudos com familiares (n=7), sendo 25% deles (n=4) com familiares que desempenhavam a função de cuidadores de pacientes em CP. Estudantes e profissionais de saúde foram participantes em seis artigos, sendo metade deles (n=3) dedicados aos profissionais de enfermagem e a outra metade (n=3) a profissionais de saúde variados. Destaca-se, ainda, que apenas três estudos (18,8%) contaram com a participação de pacientes em CP como população-alvo da pesquisa, apontando para a complexidade dos CP e para a relevância de compreender as vivências de todos que participam do processo.

Figura 4 - *Distribuição da População Alvo*



Principais autores de referência

Diferenciar os autores de referência é relevante no campo fenomenológico, dada a sua diversidade e complexidade, com implicações conceituais e metodológicas particulares, quando considerado cada um deles. Observou-se o predomínio de pesquisas desenvolvidas à luz do referencial teórico da fenomenologia-existencial de Martin Heidegger, com n=5 artigos (31,3%). A fenomenologia sociológica de Alfred Schütz fundamenta 25% dos trabalhos (n=4). Viktor Frankl e Merleau-Ponty são citados como autores de referência em dois artigos cada. Três artigos não especificaram um autor de referência (18,8%), embora afirmem utilizar o referencial fenomenológico na pesquisa (Aciole & Bergamo, 2019, Arrieira et al., 2018; Benites et al., 2017).

Diante do fato de que muitos autores da fenomenologia provêm da filosofia e nem sempre seus conceitos são acessíveis ou conhecidos por profissionais ou interessados nos CP, a explicação de conceitos teóricos frequentemente se fez necessária. No trabalho de Silva, Silva, et al. (2014), por exemplo, que utilizou a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty como referencial, os fenômenos da percepção, corpo, tempo e espaço necessitaram de explicitação.

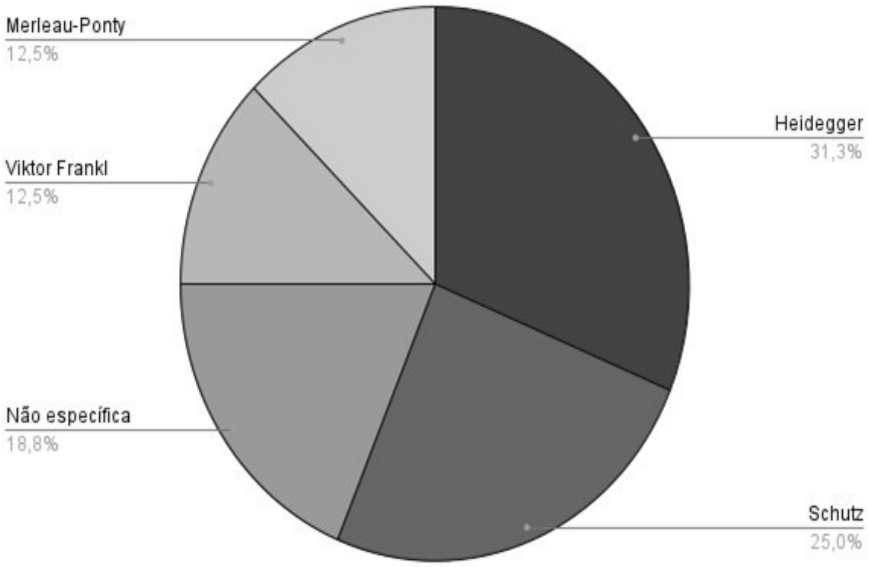
No caso das pesquisas que se fundamentaram no referencial de

Heidegger, em especial quando o método de análise não era a própria aplicação da hermenêutica heideggeriana, os autores lançaram mão de uma introdução ao pensamento do filósofo no trabalho, explicitando conceitos-chave para a interpretação performada na análise, tais como ser-no-mundo, temporalidade, espacialidade, ser-para-a-morte, coexistência, tonalidades afetivas e cotidianidade (Sales & D'Artibale, 2011; Sales et al., 2014; Silva, Marcon, et al., 2014; Souza & Melo, 2018). Especialmente nos estudos de Sales e D'Artibale (2011), Sales et al. (2014) e Silva, Marcon, et al. (2014), os existenciais descritos por Heidegger foram utilizados como chave interpretativa dos dados de pesquisa.

A fenomenologia sociológica de Schutz é uma abordagem que destaca a dimensão intersubjetiva da existência e se manifesta pela via da ação social de sujeitos conscientes e engajados no mundo (Monteiro et al., 2012; Nunes & Rodrigues, 2012; Pessalacia et al., 2018). A ação social é definida por Monteiro et al. (2012) como uma conduta entre duas ou mais pessoas, em que há uma intenção prévia e consciente por parte de um ator e um significado subjetivo que é articulado pela temporalidade. Essa compreensão sobre a ação social fundamentou a pesquisa de Carvalho et al. (2018) e permitiu desvelar outro modo de olhar para a conduta dos profissionais de saúde na área de CP: centrado na pessoa que adoece, para além da doença enfrentada.

A Teoria Existencialista de Frankl, também conhecida como Logoterapia ou Psicoterapia do Sentido da Vida, é uma abordagem terapêutica que enfatiza a dimensão do sentido específico que cada pessoa atribui à sua experiência em um determinado momento da vida e foi utilizada em um dos estudos sobre as vivências de espiritualidade (Arrieira et al., 2017). A partir dessa leitura, os estudos interpretaram as vivências exploradas como tentativas de buscar um sentido para o viver diante de situações de morte e morrer.

Figura 5 - *Distribuição de autores de referência*



Delineamentos metodológicos

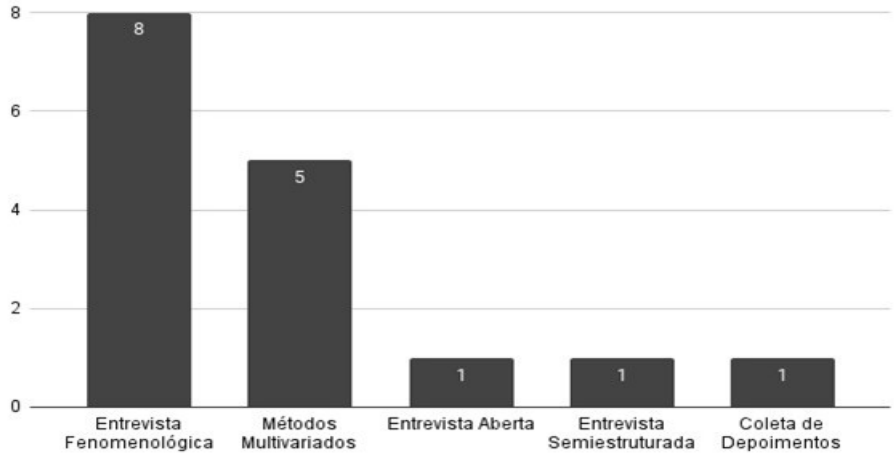
Coerentes com a perspectiva epistemológica da fenomenologia, todas as pesquisas são qualitativas, tendo metade delas utilizado a entrevista fenomenológica (n=8) como recurso de coleta de dados. Em cinco estudos (31,3%) foram utilizados métodos multivariados, combinando-se o uso da entrevista com dinâmicas de grupos, recursos de escrita livre, observação participante, diário de campo, reuniões de aproximação e visitas domiciliares.

É notável o fato de que a entrevista fenomenológica é utilizada em metade dos trabalhos. Esse tipo de entrevista foi conceituada por Monteiro et al. (2012) como um encontro existencial face a face, em que se constitui uma relação eu-tu entre entrevistador e participante. Para essas autoras, o foco da entrevista fenomenológica está na compreensão do modo de vivenciar o mundo do participante. Rocha et al. (2021) apontam que as características da entrevista fenomenológica são: evitar preconceitos, julgamentos de valores, categorizações e interpretações apressadas sobre a realidade estudada.

Os artigos de Arrieira et al. (2018), Benites et al. (2017), Nunes e Rodrigues (2012), Pessalacia et al. (2018), Rocha et al. (2018) e Souza e Melo (2018) apenas mencionaram o uso de entrevista fenomenológica como recurso para coleta de dados, sem explorar conceitos e definições. Já o estudo de Aciole e Bergamo (2019) afirmou utilizar uma abordagem fenomenológica compreensiva por meio do uso de entrevista semiestruturada, porém sem

apresentar explicitamente qual o entendimento das autoras sobre como operar uma sustentação fenomenológica dessa modalidade de entrevista. Em alguns estudos, os dados das entrevistas foram complementados com observação participante e diário de bordo (Arrieira et al., 2017; Sales et al., 2011), trazendo as impressões dos pesquisadores sobre o fenômeno analisado de modo mais temático.

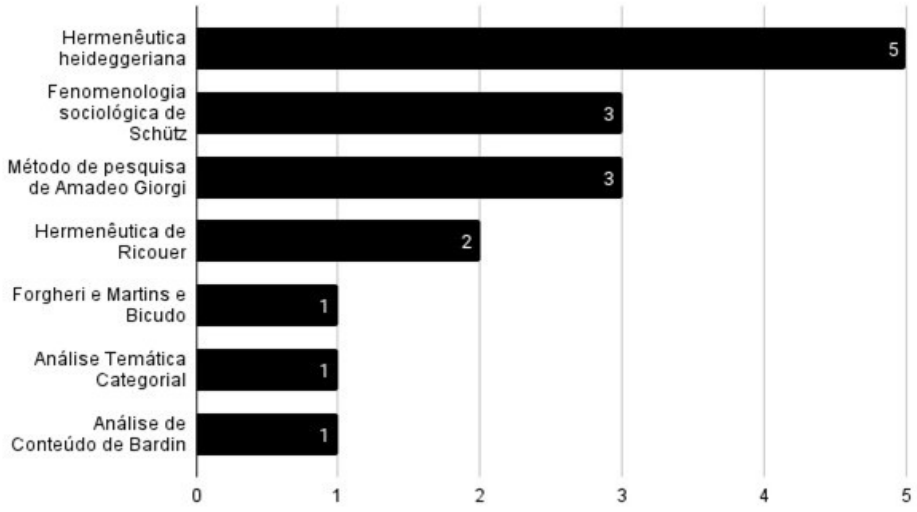
Figura 6 - *Distribuição dos métodos de coleta utilizados*



Métodos de análise

Entre os métodos de análise utilizados, há o predomínio de estudos que utilizaram a análise hermenêutica de Martin Heidegger (n=5) (31,3%), em conformidade com a prevalência do uso desse autor como referência. A fenomenologia sociológica de Schütz aparece como método de análise em três artigos (18,8%), assim como o método fenomenológico de pesquisa em psicologia de Amadeo Giorgi também aparece com n=3 (18,8%). A análise hermenêutica de Paul Ricouer foi utilizada em dois dos artigos (12,5%). Um estudo combinou o método de análise fenomenológica de Yolanda Forghieri com o método de Martins e Bicudo, autores relevantes e de referência na fenomenologia brasileira. Por fim, destacamos que um estudo utilizou Análise Temática Categorial, embora sem discriminação de autor de referência analítica, e outro se utilizou da Análise de Conteúdo de Bardin, um método de análise pouco usual em pesquisas fenomenológicas por seus princípios epistemológicos divergentes, o que aponta para a necessidade de estudos posteriores que possam avaliar mais detidamente a qualidade das pesquisas fenomenológicas em CP.

Figura 7 - *Distribuição de métodos de análise*



Diante de tanta diversidade, é de se esperar que as análises se diferenciem de modo relevante em suas concepções e modos de condução. Entretanto, em sua explicitação, houve o predomínio da descrição das análises por meio de passos ou etapas, com poucas variações entre si. No trabalho de Arrieira et al. (2017), os autores utilizaram a análise do discurso de Paul Ricoeur, apresentando-a em três etapas metodológicas, a saber: 1) leitura inicial, em que se buscou elaborar o texto por meio da transcrição das entrevistas orais dos participantes para um texto escrito; 2) leitura crítica, conduzida com a finalidade de estabelecer unidades de significado, identificadas por meio de frases que colocam em evidência determinado sentido da fala; e 3) apropriação, que opera por meio da síntese dos significados expressos pelos participantes, buscando tematizar o que é inédito ou desconhecido sobre o fenômeno.

O método de Giorgi é uma das metodologias consagradas nos estudos fenomenológicos em psicologia e outras ciências humanas. É um método classicamente descrito por meio de quatro passos metodológicos utilizados por Rocha et al. (2018), Rocha et al. (2021) e Silva, Silva, et al. (2014). Seus passos metodológicos são: 1) leitura de todo o material livre de interpretações teóricas; 2) identificação de unidades de sentido (US) a partir da fala dos participantes da pesquisa; 3) tradução das US da linguagem utilizada pelo participante para uma linguagem psicológica, conforme o tema de estudo e; 4) determinação de uma estrutura geral das US denominadas constituintes essenciais-estruturais (Giorgi & Souza, 2010).

Silva, Silva, et al. (2014) articularam a proposta de Giorgi junto a etapas metodológicas fundamentadas na análise fenomenológica de Merleau-Ponty, a saber: 1) descrição da experiência manifesta na consciência; 2) redução como postura de colocar entre parênteses a atitude natural e pré-concepções sobre os fenômenos; e 3) compreensão fenomenológica das invariantes dos fenômenos abordados. Já o artigo de Benites et al. (2017) desenvolveu um estudo fenomenológico a partir de uma proposta mista da psicologia fenomenológica de Forghieri e da de Martins e Bicudo, realizado em três etapas: 1) transcrição da entrevista na íntegra e literalidade; 2) submissão do conteúdo à redução fenomenológica, feita por meio da leitura exaustiva da entrevista e a apreensão de US; e 3) organização em categorias temáticas, sendo essas consideradas modos de refletir a vivência e os significados das experiências dos participantes.

Já o estudo de Andrade et al. (2021) apresenta uma proposta de etapas metodológicas a partir de Heidegger: 1) compreensão vaga e mediana; e 2) compreensão interpretativa e hermenêutica. Segundo esses autores, na compreensão vaga e mediana, há uma leitura das respostas dos participantes para a realização de seu agrupamento em categorias. As categorias são compreendidas como US da experiência, que permitem a realização da segunda etapa, neste caso definida como o desvelamento das "facetas do fenômeno" (Andrade et al., 2021, p. 3), embora não haja uma definição do que os autores compreendem como desvelar de facetas. Após a realização dessas etapas, os autores utilizaram a Teoria da Pirâmide de Necessidades Humanas como recurso para interpretação de dados, algo pouco usual em pesquisas que se fundamentam na hermenêutica de Heidegger.

Os estudos de Rocha et al. (2018), Rocha et al. (2021), Silva, Marcon, et al. (2014) e Souza e Melo (2018) revelaram que, além de etapas metodológicas explicitamente detalhadas, uma pesquisa fenomenológica também pode ser sustentada por conceitos teóricos de um filósofo clássico da fenomenologia, com o propósito de servir como referencial interpretativo de pesquisa para a análise dos dados. Nesses casos, os estudos afirmaram adotar um referencial fenomenológico, porém, em vez de explicitar etapas metodológicas, apresentaram uma introdução ao pensamento de determinado filósofo ou um conceito teórico que norteou a compreensão geral da pesquisa, evidenciando-se o uso da fenomenologia como uma teoria de interpretação de experiências. Esse modo de condução das pesquisas, de cunho mais interpretativo, esteve fortemente presente nos estudos que se fundamentaram na fenomenologia existencial de

Heidegger e na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, como já mencionado acima, assim como na fenomenologia sociológica de Schütz e na teoria existencialista de Frankl.

DISCUSSÃO

Neste estudo, foram incluídos 16 trabalhos que aplicam o método fenomenológico em pesquisas na área de CP. Exceção feita ao estudo de Barbosa et al. (2011), que inclui estudos de outros países e obteve um *corpus* expressivamente maior (n=48), o número aqui encontrado, embora possa parecer pequeno, é maior que achados de outros trabalhos de revisão sobre o uso da fenomenologia na área da saúde ou de temas próximos aos CP, como a morte e o luto (Caixeta et al., 2021; Gomes & Sousa, 2017; Pereira et al., 2021; Pereira et al., 2022; Silva & Oliveira, 2018). Ora, sendo essa uma área específica e parte do campo da saúde, parece que esses dados podem ser um indício de que essa abordagem vem crescendo no próprio campo da saúde no Brasil e que, provavelmente, tem alcance maior internacionalmente, devendo ser esse um tema para futuras investigações.

A revisão apontou que um dos aspectos marcantes dos estudos fenomenológicos em CP diz respeito às temáticas estudadas. Pela natureza da investigação fenomenológica, os temas circundaram em torno da descrição de diferentes experiências/vivências ou percepções sobre experiências vividas, assim como encontrado por Caixeta et al. (2021), apontando ser essa temática usual em estudos fenomenológicos na área da saúde. No caso dos CP, nota-se que as pesquisas abrangem a complexidade das relações e dos atores envolvidos no processo, uma vez que abordaram a experiência não apenas dos pacientes, mas principalmente de seus familiares, particularmente cuidadores, e da equipe multidisciplinar, apontando que todas essas experiências se atravessam e se compõem mutuamente na lida com o adoecimento crônico e no fim de vida.

Indiferentemente da população estudada (pacientes, familiares, cuidadores, estudantes ou profissionais de saúde), as pesquisas incluídas nesta revisão apontam que a compreensão das experiências que envolvem as práticas de CP pode fundamentar a formulação de novos modelos e propostas de cuidado mais afinados à realidade existencial dos enfermos, seus familiares e cuidadores. Destaca-se, em especial, a preocupação com a experiência das equipes, que, em geral, têm suas dores, afetos e lutos invisibilizados e pouco tematizados diante das exigências de não

envolvimento profissional e manutenção de uma relação exclusivamente técnica, levando ao questionamento sobre a necessidade de visibilizar também o sofrimento dos profissionais envolvidos em CP.

Apesar dessa variabilidade, como dito acima, os temas de estudo se mantiveram ao redor das experiências e vivências - incluindo-se as percepções - e apontaram para um modo de compreensão específico daquilo que constitui uma pesquisa fenomenológica, mas que deve ser melhor analisado no que diz respeito à sua relação com Husserl e o significado de "retorno às coisas mesmas", assim como dos sentidos de vivência (*Erlebnis*) e experiência (*Erfahrung*). Isso porque há uma querela no campo sobre a possibilidade de que o método fenomenológico seja exclusivamente empírico, como destacado por autores como Giorgi e Souza (2010), ou se seria uma análise mais profunda das vivências em sua essência pura, conforme preconizado por Goto e Feijoo (2017). Esses últimos, a partir das próprias orientações de Husserl (1954/2012), defendem uma abordagem eidética, que busca compreender a estrutura transcendental que subjaz à relação entre fenômenos e consciência.

Assim, a pesquisa fenomenológica não se limita à interpretação de sentidos e significados das experiências, mas busca identificar os vetores essenciais que compõem a vida humana em sua totalidade. Portanto, há a necessidade de ir além da descrição dos significados das experiências e de se aprofundar na investigação dos vetores internos das vivências.

Sendo a fenomenologia uma área que se caracteriza pela abordagem qualitativa das experiências humanas (Feijoo & Goto, 2017; Goto et al., 2018), a primazia pelo uso das entrevistas revela uma potência das pesquisas de base fenomenológica, ao privilegiarem o aparecimento da dimensão subjetiva e existencial dos participantes. Ainda em relação aos diferentes delineamentos e seus consequentes recursos metodológicos utilizados nas coletas de dados, percebe-se que a pesquisa fenomenológica permite a articulação de diferentes e variadas metodologias, seja combinando a entrevista com outros métodos, seja ampliando a exploração e a possibilidade de acesso às experiências em distintos contextos por meio de entrevistas individuais, análise de múltiplos casos ou grupos focais, o que entendemos como uma riqueza do campo, pois, se os fenômenos são variados, é necessário que os métodos também o sejam.

Nota-se que algumas pesquisas apresentaram dificuldade de articular o referencial teórico com seu desdobramento metodológico, o que, muitas vezes, implicou uma fragilidade metodológica e analítica, pois, embora

apontem que o método é performado à luz de determinado autor de referência na fenomenologia, a explicitação do seu modo de execução é frágil. Além disso, foi frequente o uso de termos e concepções teóricas diretamente aplicado à fala dos entrevistados, levantando-se o seguinte questionamento: essas pesquisas estão permitindo que os fenômenos se revelem a partir de sua fenomenalidade, dito de outro modo, que os dados falem por si ou estão apenas traduzindo-os em jargões teóricos previamente afirmados pela filosofia e seus filósofos? Essa fragilidade precisa ser melhor investigada em estudos posteriores e discutida à luz dos debates já em tela na comunidade, sobre as diferentes apropriações do método fenomenológico e das novas possibilidades emergentes de se fazer fenomenologia e permitir o desocultamento de fenômenos contemporaneamente encobertos.

Também é possível verificar uma diversidade no delineamento e na condução metodológica das pesquisas encontradas. Essa diversidade pode ser constatada - e sustentada - pela diversidade de autores de referência que apresentam interpretações da fenomenologia que implicam distintos e variados métodos, desde os mais descritivos, mais próximos da fenomenologia husserliana, até os mais hermenêuticos, mais afinados à perspectiva fenomenológico-existencial heideggeriana. Como consequência, nota-se uma variabilidade relevante também nos métodos analíticos dos diferentes trabalhos, apesar de alguns convergirem para a adoção de passos pré-programados.

De um modo geral, os trabalhos prezaram pela máxima fenomenológica de retorno às coisas mesmas, destacando que a pesquisa amparada pela fenomenologia busca estar em contato com as experiências tal como elas ocorrem no mundo dos participantes. Embora tal entendimento tenha se mostrado variado em termos das nomenclaturas empregadas pelos autores sobre o objeto de investigação da pesquisa fenomenológica, pôde-se constatar que, subjacente aos diferentes estudos, o método fenomenológico busca a compreensão da dimensão humana das experiências, tendo como ponto de partida, por exemplo, a existência concreta do sujeito e a descrição do seu mundo-da-vida (Benites et al., 2017), a dimensão pré-reflexiva da consciência (Rocha et al., 2018) ou, ainda, a facticidade do ser-no-mundo (Sales & D'Artibale, 2011).

Destacamos também a fragilidade da associação de alguns teóricos que adotam perspectivas radicais sobre a existência humana, tal como Heidegger e métodos de análise incoerentes com suas concepções ontológicas e epistemológicas, como a Teoria da Pirâmide de Necessidades

Humanas. No artigo de Andrade et al. (2021), o uso dessa teoria como recurso de interpretação em uma pesquisa que se propõe heideggeriana compromete significativamente a qualidade metodológica e analítica do estudo, na medida em que a existência humana é fragmentada e hierarquizada em necessidades que nascem do fisiológico e, somente se atendidas, podem ser direcionadas a dimensões sociais e psicológicas. Essa forma de compreender o existir conflita diretamente com a noção de ser-no-mundo, cara à fenomenologia-existencial de Heidegger, que defende que a existência é dada em seu caráter de abertura e liberdade, sem, *a priori*, determinar o humano em termos biológicos, psicológicos e sociais.

Sendo os CP um conjunto de práticas de saúde fundamentalmente interdisciplinar, quando não transdisciplinar, a baixa expressividade de publicações realizadas por outras áreas profissionais que não a enfermagem pode comprometer a busca por um olhar mais ampliado sobre as experiências em saúde e doença. Nesse sentido, cabe pontuar um chamado para outras áreas profissionais (medicina, psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional etc.) colocarem em prática pesquisas fenomenológicas na área dos CP, já que tal método pode render significativas transformações para a compreensão de um cuidado em saúde mais afinado às experiências em primeira pessoa dos agentes envolvidos, seja de pacientes, seja de familiares, seja de equipe.

CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi analisar as possibilidades de aplicação do método fenomenológico nas pesquisas em CP. Por meio da revisão de escopo, foi possível evidenciar diversos elementos norteadores da condução de uma pesquisa fenomenológica em CP no Brasil, por meio de uma metodologia explicitamente detalhada ou um referencial de pesquisa que atua como uma teoria de interpretação de dados. Com isso, foi observada uma pluralidade de modos de apropriação e condução de uma pesquisa de referencial fenomenológico, bem como uma variedade de correntes fenomenológicas denominadas hermenêuticas, existenciais ou sociológicas. Tal variedade aponta, por outro lado, para a fenomenologia como um método potente e promissor para o campo da saúde e dos CP, desde que as pesquisas sejam conduzidas com rigor epistemológico, metodológico e ético.

O que parece acontecer - e que deve ser melhor discutido nas áreas

que se apropriam da fenomenologia como método - é a relação entre a apropriação de um método filosófico no campo das ciências e a condição de ser compreendido dentro de uma mesma matriz. Ainda que o aprofundamento dessa discussão não esteja ao alcance deste estudo, dado que essa tarefa exigiria adentrar diretamente as querelas que envolvem as relações entre fenomenologia transcendental e pesquisas empíricas, parece-nos que, talvez, este seja exatamente o ponto central: a fenomenologia husserliana se constitui como uma matriz que deu origem a uma ampla gama de possibilidades de pesquisa com fundamentos fenomenológicos, mas que não se mantêm necessariamente husserlianas.

Como mencionado ao longo do trabalho, uma das funções dessas pesquisas na área da saúde tem sido justamente aproximar os profissionais da saúde das experiências de seus pacientes e familiares. Assim sendo, levanta-se o questionamento de se é necessário, nesse campo, que as pesquisas fenomenológicas versem sobre as características transcendentais e universais e se debrucem sobre os fenômenos em sua condição de vivência ou se bastaria compreender seus modos de aparição circunscritos ao âmbito dos sentidos e significados das experiências em um contexto concreto mais imediato. Ao ater-se ao segundo, sublinhamos o risco de que as pesquisas fenomenológicas, ainda que auxiliem os profissionais de saúde a compreender as experiências de mundo dos participantes da pesquisa, façam-no a partir de uma compreensão naturalizada do existir humano.

Conclui-se que os estudos em CP conduzidos fenomenologicamente se preocuparam em extrair de suas investigações apontamentos ou reflexões que possam contribuir para o trabalho multiprofissional, especialmente na prática de cuidado e acolhimento, buscando fortalecer a humanização da saúde. Assim, ao se aproximarem das experiências de mundo dos participantes que vivenciaram determinada situação em CP, as produções conduziram suas discussões não apenas para o repensar das condutas e da ação profissional, mas também para visibilizar a própria experiência dos diferentes membros da equipe multidisciplinar e suas consequências para a formação e o cuidado. Percebeu-se, portanto, que as pesquisas fenomenológicas em CP buscaram evidenciar a articulação entre a vivência e a atuação profissional, que pode ser encarada como um caminho de vital importância para o fortalecimento de uma prática de saúde comprometida com as necessidades e preocupações de todos os agentes envolvidos: paciente, familiares e equipe.

REFERÊNCIAS

Aciole, G. G., & Bergamo, D. C. (2019). Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. *Saúde em Debate*, *43*(122), 805-818. https://doi.org/10.1590/0103-1104201912212

Andrade, J. V., Lins, A. L. R., & Mendonça, E. T. (2021). Desejos ante a inexorável finitude: antes de morrer eu quero. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, *11*(4170), 1-8. https://doi.org/10.19175/recom.v11i0.4170

Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, *8*(1), 19-32. https://doi.org/10.1080/1364557032000119616

Arrieira, I. C. D. O., Thofehrn, M. B., Milbrath, V. M., Schwonke, C. R. G. B., Cardoso, D. H., & Fripp, J. C. (2017). O sentido da espiritualidade na transitoriedade da vida. *Escola Anna Nery*, *21*(1), e20170012. https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170012

Arrieira, I. C. O., Thofehrn, M. B., Porto, A. R., Moura, P. M. M., Martins, C. L., & Jacondino, M. B. (2018). Espiritualidade nos cuidados paliativos: experiência vivida de uma equipe interdisciplinar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *52*, e03312. https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017007403312

Bello, A. A. (2006). *Introdução à fenomenologia* (Ir. Jacinta Turolo Garica e Miguel Mahfoud, Trad). Edusc.

Benites, A. C., Neme, C. M. B., Santos, M. A. (2017). Significados da espiritualidade para pacientes com câncer em cuidados paliativos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *34*(2), 269-279. https://doi.org/10.1590/1982-02752017000200008

Caixeta, L. V., Pegoraro, R. F., & Goto, T. A. (2021). Fenomenologia e Psicologia da Saúde: uma análise da produção acadêmica Brasileira. *Revista da Abordagem Gestáltica*, *27*(3), 291-304. https://dx.doi.org/10.18065/2021v27n3.4

Carel, H., & Kidd, I. J. (2014). Epistemic injustice in healthcare: a philosophical analysis. *Medicine, Health Care, and Philosophy*, *17*, 529–540. https://doi.org/10.1007/s11019-014-9560-2

Carvalho, G. A. F. L., Menezes, R. M. P., Enders, B. C., Teixeira, G. A., Dantas, D. N. A., & Oliveira, D. R. C. (2018). Significados atribuídos por profissionais de saúde aos cuidados paliativos no contexto da atenção primária. *Texto & Contexto - Enfermagem*, *27*(2), e5740016. https://doi.org/10.1590/0104-070720180005740016

Costa, A. P., Poles, K., & Silva, A. E. (2016). Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, *20*(59), 1041–1052. https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0774

Ewald, A. P. (2008). Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *8*(2), 149–165. https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10733

Feijoo, A. M. L. C., & Goto, T. A. (2017). É possível a fenomenologia de Husserl como método de pesquisa em psicologia? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *32*(4), 1-9. https://doi.org/10.1590/0102.3772e3241

Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Fim de século.

Gomes, D. M., & Sousa, A. M. (2017). A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. *Revista do NUFEN*, *9*(3), 164-176. http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03revir25

Goto, T. A., Holanda, A. F., & Costa, I. I. (2018). Fenomenologia transcendental e a psicologia fenomenológica de Edmund Husserl. *Revista do NUFEN*, *10*(3), 38-54. http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03revir25

Goto, T. A. (2022). Pesquisa em enfoque fenomenológico: a Psicologia fenomenológica como ciência psicológica e método de investigação. Em S. M. Barroso (Org.) *Pesquisa em Psicologia e Humanidades: métodos e contextos contemporâneos* (pp. 354 – 396). Vozes.

Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (Vols. 1 e 2; M. Suzuki, Trad.). Ideias & Letras. (Original publicado em 1913).

Husserl, E. (2012). *A Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica* (Diogo Falcão, Trad.). Editora Forense Universitária. (Original publicado em 1954).

Kovács, M. J. (2014). A caminho da morte com dignidade no século XXI. *Revista Bioética*, *22*(1), 94-104. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-80422014000100011&script=sci_arttext

Lei 20.091 de 19 de Dezembro de 2019. Dispõe sobre a instituição dos preceitos e fundamentos dos Cuidados Paliativos no Paraná. Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/listarAtosAno.do?action=exibirImpressao&codAto=230422#:~:text=Art.%201.%C2%BA%20Para%20os%20efeitos%20desta%20Lei%2C%20consideram-se,preceitos%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20-%20OMS.

Matsumoto, D. Y. (2012). Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. *Manual de cuidados paliativos ANCP*, *2*(2), 23-24. http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Manual-de-cuidados-paliativos-ANCP.pdf#page=23

Mccoughlan, M. (2011). A necessidade de cuidados paliativos. In L. Pessini & L. Bartachini (Orgs.), *Humanização e Cuidados Paliativos* (pp. 167-180). Edições Loyola.

Melo, A. G. C., & Caponero, R. (2009). Cuidados paliativos: abordagem contínua e integral. In F. S. Santos (Org.), *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer* (pp. 257-267). Editora Atheneu.

Melo, V. L., Maia, C. Q., Alkmim, E. M., Ravasio, A. P., Donadeli, R. L., Paula, L. O. E., Silva, A. E., & Guimarães, D. A. (2022). Morte e morrer na formação médica brasileira: revisão integrativa. *Revista Bioética*, *30*(2), 300–317. https://doi.org/10.1590/1983-80422022302526PT

*Monteiro, A. C. M., Rodrigues, B. M. R. D., & Pacheco, S. T. A. (2012). O enfermeiro e o cuidar da criança com câncer sem possibilidade de cura atual. *Escola Anna Nery*, *16*(4), 741-746. https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000400014

Munn, Z., Peters, M. D. J., Stern, C., Tufanaru, C., McArthur, A., & Aromataris, E. (2018). Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. *BMC Medical Research Methodology*, *18*, 143. https://doi.org/10.1186/s12874-018-0611-x

Nickel, L., Oliari, L. P., Vesco, S. N. P. D., & Padilha, M. I. (2016). Grupos de pesquisa em cuidados paliativos: a realidade brasileira de 1994 a 2014. *Escola Anna Nery*, *20*(1), 70–76. https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160010

*Nunes, M. G. S., & Rodrigues, B. M. R. D. (2012). Tratamento paliativo: perspectiva da família. *Revista Enfermagem UERJ*, *20*(3), 338–343. https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/3312

Perboni, J. S., Zilli, F., & Oliveira, S. G. (2019). Profesionales de salud y el proceso de muerte y morir de los pacientes: una revisión integrativa. *Persona y Bioética*, *22*(2), 288-302. https://doi.org/10.5294/pebi.2018.22.2.7

Pereira, L. J. E., Nóbrega, T. B. T., Lima, F. L. A., Silveira, L. L. D. A., & Souza, L. B. (2021). Vivência das doenças crônicas à luz da psicologia fenomenológica-existencial: uma revisão integrativa. *Saúde Coletiva (Barueri)*, *11*(68), 7849–7858. https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i68p7849-7858

Pereira, R. A., Silva, R. M. C. R. A., Pereira, E. R., Siqueira, A. S. A., Frederico, C. G. T., & Carneiro, E. C. S. P. (2022). The phenomenological perception of nursing residents about total pain in patients in palliative oncological care: an integrative review. *Research, Society and Development*, *11*(12), e151111234263. https://doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34263

*Pessalacia, J. D. R., Silva, A. E., Araújo, D. H. Q., Lacerda, M. A. D., & Santos, K. C. D. (2018). Experiências de cuidadores nos cuidados paliativos e redes de suporte. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, *12*(11), 2916-2922. https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i11a236208p2916-2922-2018

Pessini, L. (2011). A filosofia dos cuidados paliativos: uma resposta diante da obstinação terapêutica. In L. Pessini & L. Bartachini (Orgs.), *Humanização e Cuidados Paliativos* (pp. 181-208). Edições Loyola.

Radbruch, L., Lima, L., Knaul, F., Wenk, R., Ali, Z., Bhatnaghar, S., Blanchard, C., Bruera, E., Buitrago, R., Burla, C., Callaway, M., Munyoro, E. C., Centeno, C., Cleary, J., Connor, S., Davaasuren, O., Downing, J., Foley, K., Goh, C., . . . Pastrana, T. (2020). Redefining palliative care—a new consensus-based definition. *Journal of pain and symptom management*, *60*(4), 754-764. https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.027

Resolução nº 41 de 31 de outubro de 2018. (2018, 23 de novembro). Dispõe sobre as diretrizes para a organização dos cuidados paliativos, à

luz dos cuidados continuados integrados, no âmbito Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51520746/do1-2018-11-23-resolucao-n-41-de-31-de-outubro-de-2018-51520710.

*Rocha, R. C. N. P., Pereira, E. R., Silva, R. M. C. R. A., Medeiros, A. Y. B. B. V., Refrande, S. M., & Refrande, N. A. (2018). Spiritual needs experienced by the patient's family caregiver under Oncology palliative care. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *71*, 2635–2642. https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0873

*Rocha, R. C. N. P., Pereira, E. R., Silva, R. M. C. R. A., Medeiros, A. Y. B. B. V. D., Leão, D. C. M. R., & Marins, A. M. D. F. (2021). O sentido da vida percebido pelos enfermeiros no trabalho em cuidados paliativos oncológicos: estudo fenomenológico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *55*, e03753. https://doi.org/10.1590/S1980-220X2020014903753

*Sales, C. A., & D'Artibale, E. F. (2012). End-of-life care: listening to the relatives. *Ciência, Cuidado E Saúde*, *10*(4), 666-673. https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v10i4.18309

*Sales, C. A., Silva, V. A., Pilger, C., & Marcon, S. S. (2011). A música na terminalidade humana: concepções dos familiares. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, *45*(1), 138–145. https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000100019

*Silva, V. A., Marcon, S. S., & Sales, C. A. (2014). Percepções de familiares de pessoas portadoras de sobre encontros musicais durante o tratamento antineoplásico. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *67*(3), 408–414. https://doi.org/10.5935/0034-7167.20140054

Silva, R. V., & Oliveira, W. F. (2018). O Método Fenomenológico nas Pesquisas em Saúde no Brasil: Uma Análise de Produção Científica. *Trabalho, Educação e Saúde*, *16*(3), 1421–1441. https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00162

*Silva, W. C. B. P. D., Silva, R. M. C. R. A., Pereira, E. R., Silva, M. A., Marins, A. M. D. F., & Sauthier, M. (2014). Percepção da equipe de enfermagem frente aos cuidados paliativos oncológicos: estudo fenomenológico. *Online Brazilian Journal of Nursing*, *13*(1), 72-81. https://doi.org/10.5935/1676-4285.20144125

*Souza, M. A., & Melo, L. L. (2018). Being adolescent with chronic renal failure: a view through existential phenomenology. *Escola Anna Nery*, *22*(2), e20170368. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0368